

# SINDI MAIS TALKS



Empresas mudam  
o foco de suas operações  
**e afetam o mercado de  
trabalho**

.....

**3**

**Empresas mudam o foco de suas operações e afetam o mercado de trabalho**

**7**

**Consultorias apontam melhora no mercado de trabalho em 2021**

**9**

**Pandemia acelera contratações temporárias, mas elas exigem cuidado**

**11**

**Retirada do auxílio emergencial sem qualquer reposição impactará PIB em 2021**

**13**

**Mais de 85 países pobres não terão amplo acesso às vacinas contra covid-19 antes de 2023, diz estudo**



# Empresas mudam o foco de suas operações e afetam o mercado de trabalho

Desde que a produção se organizou em fábricas na Inglaterra do início do século 19, energia e avanço tecnológico sempre foram determinantes para o rumo do mercado de trabalho. Mas a pressão dos custos trabalhistas e de matérias-primas, somada à revolução nos hábitos criada pela pandemia de covid-19, está levando as empresas a outro patamar de mudança, no foco de suas operações.

Dois exemplos emblemáticos disso ocorreram em 11 de janeiro deste ano. A Ford anunciou o fechamento de todas as suas fábricas no Brasil, medida que afeta o emprego de 120 mil pessoas, direta e indiretamente, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Ao mesmo tempo, o Banco do Brasil, segundo maior do país em ativos totais, abriu seu terceiro programa de demissões voluntárias em cinco anos, com meta de extinguir 5 mil empregos e 361 agências de uma vez só.

Mas por que uma empresa que detém 8% do mercado de automóveis do Brasil simplesmente abandona o país e deixa sua fatia para a concorrência? Para a Ford, não se trata mais de arcar com os custos de mudar os carros de gasolina para álcool, mas sim de uma alteração global em seus planos, sendo que o Brasil não está incluído nesses planos.

A Ford precisa concentrar esforços mundialmente na produção de carros elétricos e em tecnologia de direção autônoma e isso exigirá capital em abundância, sem espaço para perdas de uma operação deficitária como a instalada no Brasil. A decisão é estratégica: esses carros mais modernos serão uma realidade de curto prazo nos países ricos, mas não por aqui.

Esse processo vem ocorrendo de forma silenciosa há tempos. Sony e Mercedes-Benz, por exemplo, já haviam anunciado o mesmo que a Ford, no ano passado. Um estudo feito pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) mostra que, entre 2015 e 2020, o setor industrial brasileiro perdeu 17 empresas por dia, num total de 36,6 mil fábricas no período.



A concorrência dos produtos chineses, o custo-Brasil, a carga tributária e a bagunça política são outros fatores que pesam sobre as empresas, que agora pressionadas pelas mudanças de hábito e de tecnologia se veem obrigadas a decisões radicais.

O caso dos bancos segue a mesma lógica, com o PDV do Banco do Brasil como apenas mais um exemplo. Só em 2020, Itaú, Bradesco e Santander fecharam mil agências e demitiram 11 mil pessoas. A imagem que os brasileiros têm de várias agências bancárias no centro das cidades, ou de mais de uma agência de um mesmo banco na mesma rua, está virando pó.

As agências enormes e imponentes, símbolos do poder econômico dos grandes bancos, vão dando lugar aos smartphones, essa sim uma



mudança de paradigma para o setor. Já existem instituições bancárias 100% digitais. O Nubank, que sequer tem agências, já administra ativos equivalentes a 20% do que possui o Itaú Unibanco. E atende a 25 milhões de correntistas, ou um quarto do número de clientes do Bradesco. Isso em oito anos de operações.

**O futuro do emprego nunca esteve tão incerto. A mudança no núcleo das atividades das empresas está chacoalhando o mercado de trabalho. Mas se as portas se fecham em uma área, outras podem estar abrindo oportunidades, fazendo com que haja uma dinâmica de migração de vagas entre setores.**

É o que mostra uma pesquisa feita pela empresa de recrutamento Catho divulgada em janeiro deste ano, que apontou um crescimento de 1.175% (mais de 12 vezes) na demanda por gerente de marketing digital pelas empresas brasileiras no início de 2021 frente ao mesmo período do ano anterior.

Em tempos de pandemia, a busca por um profissional que exerça o cargo de gerente de limpeza cresceu 1.150%, segundo o levantamento. Técnico em tecnologia da informação teve alta de 680% na demanda. De acordo com a Catho, esses números refletem a consolidação das redes sociais como fenômeno de interação social. Reflexo do aumento da procura por ensino a distância, a demanda por professor de ensino fundamental cresceu 239%.

Ainda como efeito da pandemia, que tanto afetou o desempenho da maioria dos setores no mundo, profissionais da linha de frente no combate à covid-19 também têm vagas sobrando. A procura por fisioterapeutas cresceu 477%, enquanto as oportunidades para auxiliar de enfermagem aumentaram 197% este ano.



Há ainda outros cargos para trabalho presencial que cresceram muito no último ano, a despeito da necessidade de isolamento social. A demanda por pedreiros, diz a Catho, subiu 245% este ano. Para engenheiro civil, 82%. Esses dados indicam um crescimento inequívoco dos mercados de tecnologia e saúde, por exemplo, o que serve para orientar os jovens que estão em busca de uma definição para suas vidas profissionais. É certo que as mudanças não param, e a velocidade com que ocorrem é cada vez mais impressionante. Mas é uma realidade global e da qual ninguém escapará. Cada vez mais teremos de olhar o futuro para definir o que faremos no presente.



# Consultorias apontam melhora no mercado de trabalho em 2021

O ano de 2020 ficará marcado para sempre pelas mais de 2 milhões de mortes por covid-19 em todo o mundo, sendo 10% delas no Brasil. E o outro efeito da pandemia que ficará para a história é o desemprego. Mais de 14% da população economicamente ativa brasileira estava parada ao fim de 2020, percentual que não inclui os que simplesmente pararam de procurar trabalho após um ano de insucessos. E o que esperar de 2021?

Consultorias especializadas no mercado de trabalho convergem em dizer que haverá setores de destaque, como os de logística, saúde e tecnologia, todas de alguma forma impulsionadas pela realidade da pandemia. Infraestrutura e agronegócio também pegam carona nesse movimento, segundo os especialistas.

Os salários, de acordo com os estudos, devem ficar mais achatados e a diferença entre os ganhos do topo da hierarquia e do chão de fábrica se acentuará.

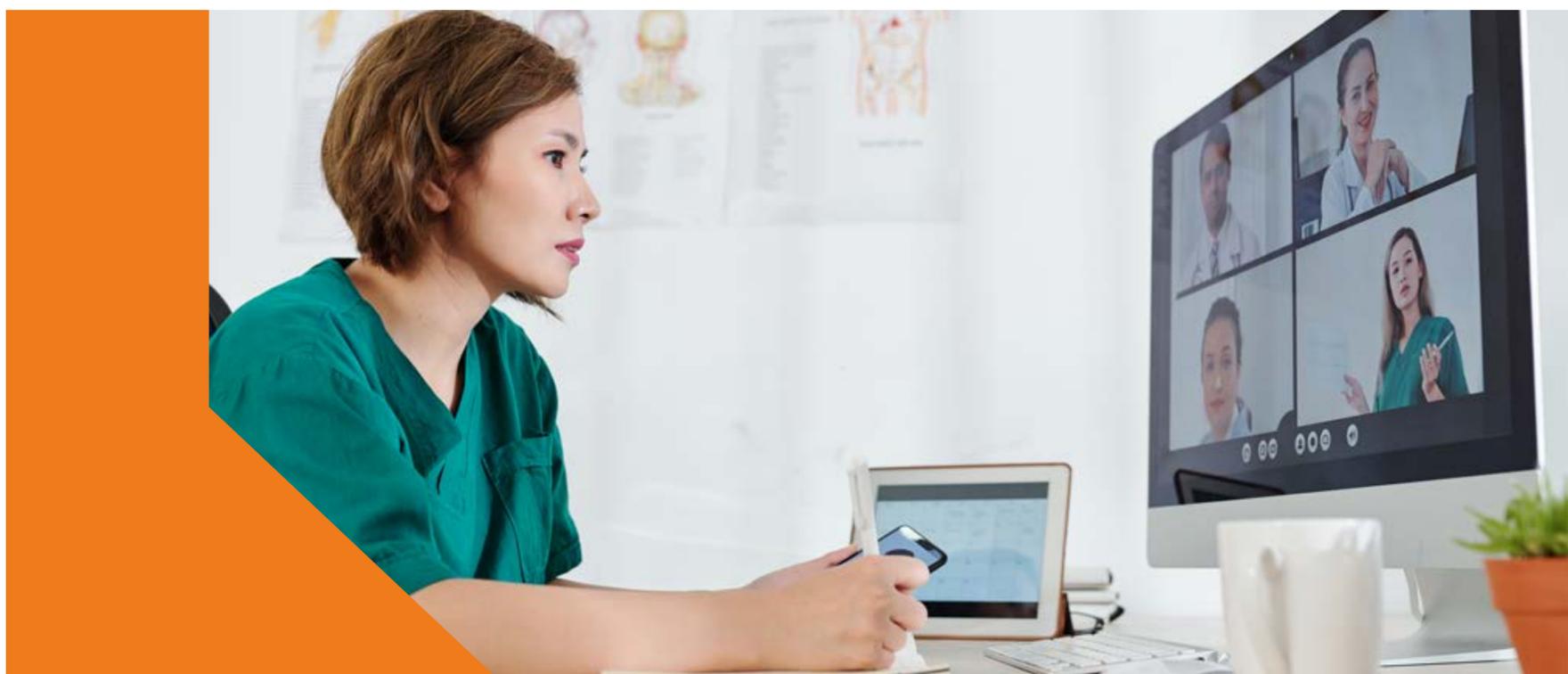
**A consultoria Deloitte divulgou um estudo segundo o qual 44% das empresas brasileiras pretendem aumentar o quadro de funcionários em 2021. Apenas 9% informaram ter intenção de demitir.**

Outro ponto importante detectado pela Deloitte é a alta nos contratos temporários, mesmo entre colaboradores mais especializados, embora longe de devolver as perdas de vagas em 2020. Voltar a uma taxa de desemprego de 5% como havia há dez anos é algo sem previsão, segundo a consultoria.

Um levantamento da consultoria Robert Half com 300 líderes de grandes empresas mostrou que metade dos executivos entrevistados experimentaram, e aprovaram, a contratação de especialistas por um tempo determinado. Nessa pesquisa, 41% pretendem aumentar o quadro de funcionários.

A consultoria Revelo aponta que as vagas para o setor de tecnologia cresceram em 25% em 2020, por abranger o conhecimento que todos buscam atualmente: o de digitalização das operações. Até as médias salariais do setor surpreenderam ao apresentar aumento de 20% a 30%, segundo o estudo.

Na média do mercado de trabalho, dados da consultoria Randstad apontam, no entanto, que salários de profissionais com escolaridade superior tiveram valorização de 10% a 50% em 2020 frente ao ano anterior. Ao mesmo tempo, profissionais em início de carreira ou de níveis técnicos e operacionais sofreram cortes entre 5% e 30%, uma tendência que deve se aprofundar em 2021.





# Pandemia acelera contratações temporárias, mas elas exigem cuidado

Flexibilidade e rapidez são duas qualidades que fazem a diferença entre sobreviver ou não no mercado nesses tempos de pandemia. Para dar conta de gargalos de mão de obra num 2020 atípico, muitas empresas lançaram mão da contratação de temporários. Isso porque elas tiveram funcionários afastados pela covid-19, ou como precaução por estarem em grupos de risco. Já outros setores sentiram forte aumento de demanda e precisaram recorrer à mão de obra temporária para cobrir lacunas de produção. Uma pesquisa da Asserttem (Associação Brasileira do Trabalho Temporário) mostra que as contratações em vagas temporárias cresceram 89,5% em agosto de 2020 em relação ao mesmo mês de 2019. Os segmentos farmacêutico e alimentício foram os que mais solicitaram esse tipo de contratação. O trabalho temporário está previsto em lei desde 1974 e passou por nova regulamentação em 2019, no Decreto nº 10.060/2019, que permite a substituição de um funcionário efetivo em



caso de afastamento, licença ou alta súbita na demanda por mão de obra. Mas o que pode ser uma boa solução para empresas que estão no “aperto” pode ser também uma fonte de problemas. Especialistas indicam que é preciso cuidado para contratar temporários. Um ponto essencial é evitar pessoal sem experiência, pois o trabalho temporário normalmente não pode exceder nove meses, pouco tempo para o aprendizado integral da função. Também não se deve contratar sem deixar claro ao candidato que ele será dispensado dali a meses. Outro erro é a empresa não consultar o gestor direto para fazer as contratações. E, nos tempos de redes sociais, sempre é aconselhável recorrer a uma checagem para conferir se os dados passados pelo temporário condizem com o que ele torna público.

## **CUIDADOS NA CONTRATAÇÃO DE TEMPORÁRIOS**

- **Temporários precisam ser contratados por intermédio de uma prestadora de serviços especializada. Busque referências e indicações para escolher o intermediário;**
- **Cumpra as regras rigorosamente, ou sua empresa será responsabilizada judicialmente pelo temporário;**
- **Busque sempre temporários com experiência no seu setor, uma vez que não haverá tempo para treinamento;**
- **Contrato temporário vale só por 180 dias, prorrogáveis por mais 90;**
- **Só é permitido contratar temporários para atender aumento sazonal de demanda (vendas no fim de ano, por exemplo), substituir funcionários em férias ou em licença e no caso de novos projetos que exijam mais pessoal;**
- **Um temporário pode ser efetivado pela empresa, mas não terá de cumprir período de experiência e seu salário deverá acompanhar o de colegas na mesma função.**



Leonardo Sá / Agencia senado

# Retirada do auxílio emergencial sem qualquer reposição impactará PIB em 2021

É consenso entre economistas que o auxílio emergencial ajudou a evitar o colapso da economia brasileira em 2020. São R\$ 330 bilhões estimados para cinco parcelas, que representam cerca de 4,7% do Produto Interno Bruto (PIB). Mas o saldo final dos benefícios ainda não depositados em conta foi quitado em janeiro deste ano, o que cria incertezas sobre como os negócios reagirão em meio ao vaivém do fechamento e abertura das empresas devido ao isolamento social imposto pela pandemia de covid-19. Nesse cenário, políticos de todos os partidos se movimentam em Brasília para prorrogar o auxílio ou criar um substituto à altura.

Estudo da MB Associados mostra que a retirada total do auxílio emergencial em 2021 poderá tirar 2,4% do PIB. Um auxílio de R\$ 250 para 25 milhões de pessoas ao longo de 2021 já diminuiria o impacto negativo para 1,9%, diz a pesquisa. A consultoria estima que o PIB do Brasil recuou 4,8% em 2020 (o IBGE ainda não divulgou o número oficial), e que se não fosse o auxílio emergencial, o tombo seria de 7,1%.

O auxílio ajudou a compensar o desemprego recorde criado pelo mergulho de 9,6% do PIB no segundo trimestre de 2020, com os beneficiários usando o dinheiro para compras nos supermercados, nas lojas de materiais de construção e até eletrodomésticos no comércio eletrônico, que foi turbinado pela pandemia.

Para evitar um novo tombo na economia, parlamentares correm para garantir a continuidade dos pagamentos. No Senado, já há quatro pedidos para que o estado de calamidade pública seja estendido, o que justificaria a prorrogação do auxílio emergencial.

A questão esbarra na negativa da equipe econômica, que argumenta não haver mais recursos públicos para bancar tamanho pagamento. E o presidente Jair Bolsonaro endossou publicamente essa versão no início deste ano. Porém, como Bolsonaro pensa na reeleição em 2022, um auxílio prorrogado elevaria sua popularidade de forma imediata.

Eleitos em 1º de fevereiro deste ano como presidentes da Câmara e do Senado, Arthur Lira (PP-AL) e Rodrigo Pacheco (DEM-MG) já fizeram da retomada do auxílio uma espécie de bandeira de seus inícios de mandato.

Ambos se encontraram no dia seguinte às suas eleições para dizerem que pretendem respeitar o teto de gastos, mas ao mesmo tempo brigar pela retomada do auxílio emergencial como forma de impulsionar a economia e evitar a expansão da população em situação de pobreza extrema.





Breno Esaki/Agência Saúde

# Mais de 85 países pobres não terão amplo acesso às vacinas contra covid-19 antes de 2023, diz estudo

A vacinação contra a covid-19 começou em tempo recorde de menos de um ano desde a declaração de pandemia pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020, mas a desigualdade no acesso global ao imunizante será certamente um dos legados ruins da epidemia.

Estudo feito pela Unidade de Inteligência da revista britânica de economia “Financial Times” aponta que cerca de 85 países pobres não terão amplo acesso às vacinas contra o coronavírus até 2023, um período longo demais em se tratando do combate a uma doença letal.

A situação precária das finanças e a concorrência com países mais ricos na briga pelo imunizante nessa largada da vacinação farão a diferença contra os mais pobres.

Os países desenvolvidos, diz o “Financial Times”, compraram muitas vacinas e já iniciaram a aplicação, mas suas grandes populações levam à projeção de uma procura prolongada pelos imunizantes, outro fator ruim para os países pobres.

Para a maioria dos países de renda média, incluindo China e Índia, o cronograma de vacinação se estenderá até o fim de 2022.

Nas economias mais pobres, a ampla cobertura de vacinação não será alcançada antes de 2023, se é que será.

A produção representa o principal obstáculo. Não há vacina para uma população de mais de 8 bilhões de pessoas em todo o mundo.

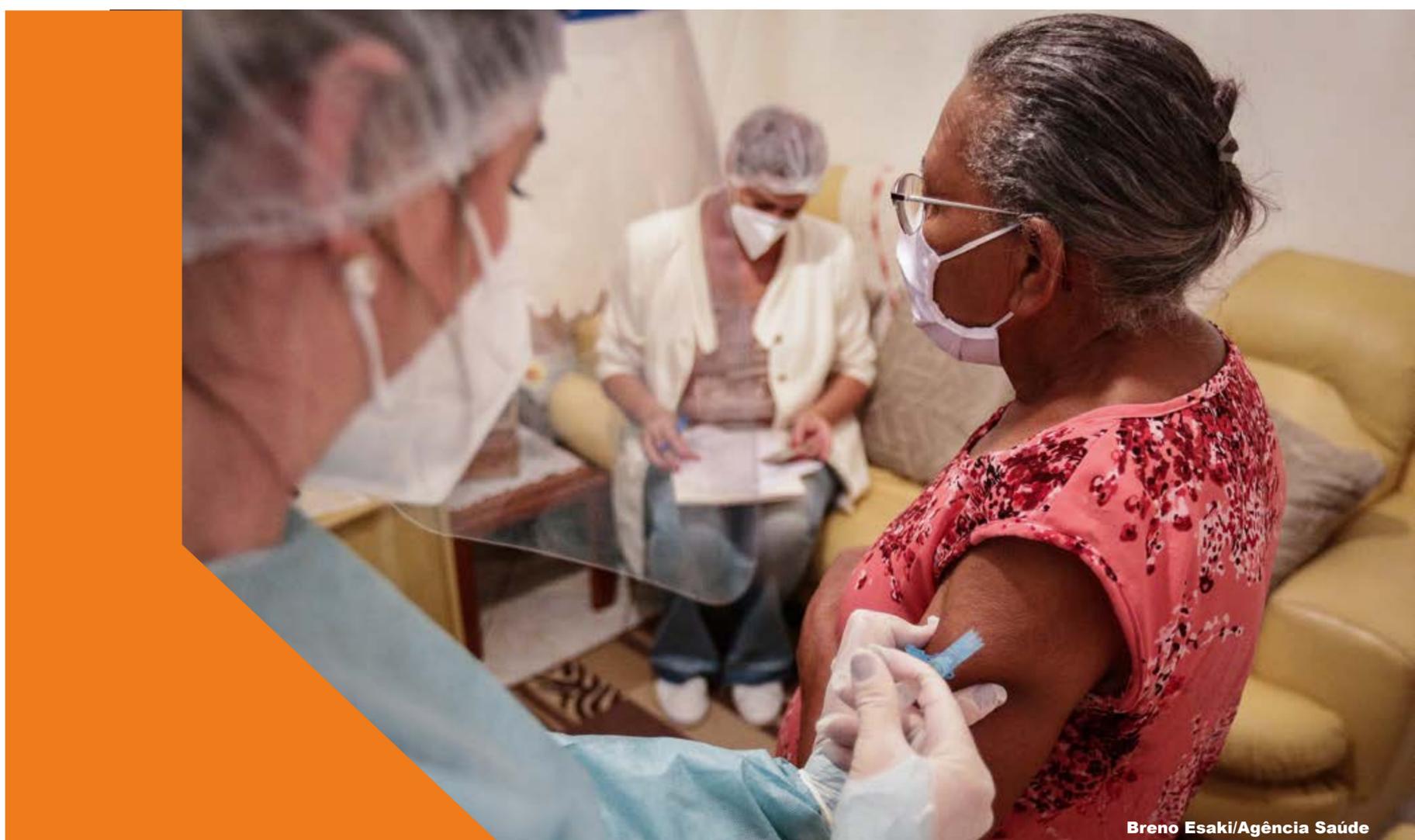
Nesse cenário, a diplomacia da vacina terá um papel importante na determinação de quais países terão acesso a uma vacina nos próximos meses.

A Rússia e a China usarão o lançamento de suas próprias vacinas contra o coronavírus para promover seus interesses.

No início de 2021, três vacinas, da Pfizer (EUA) -BioNTech (Alemanha), Moderna (EUA) e AstraZeneca-Oxford University (Reino Unido), foram lançadas em grande escala nos países desenvolvidos.

Enquanto isso, vacinas chinesas e russas estão sendo lançadas tanto no mercado interno quanto para países emergentes como o Egito, por meio de acordos diplomáticos bilaterais. Rússia e China tentam fortalecer seu status global por meio da entrega de vacinas - neste ano e nos anos seguintes.

Espera-se que os países na frente da fila - incluindo o Reino Unido, os



Breno Esaki/Agência Saúde



Breno Esaki/Agência Saúde

Estados Unidos e a maioria dos países da União Europeia - tenham imunizado seus grupos prioritários até o fim de março, com outros países ricos o alcançando no final de junho.

A expectativa da Unidade de Inteligência do “Financial Times” é que as perspectivas econômicas globais melhorem a partir de meados de 2021, com a recuperação econômica global ganhando velocidade no terceiro e quarto trimestres.

No entanto, a vida não voltará ao normal até lá, pois os programas de imunização para a maior parte da população continuarão até meados de 2022.

Entre os países de renda média, a Rússia, que desenvolveu suas próprias vacinas, poderia seguir um cronograma semelhante ao das economias mais ricas, com a imunização em massa concluída em meados de 2022.

Outros países de renda média, incluindo México e Brasil, receberam a promessa de suprimentos em troca da execução de testes clínicos ou de fábricas para produção em seus próprios territórios.

Isso deve dar a eles acesso rápido às doses para grupos prioritários, embora sua capacidade de obter vacinação em massa dependa de outros fatores, incluindo espaço fiscal, tamanho da população, número de profissionais de saúde, infraestrutura e vontade política.

China e Índia representam casos especiais, pois os dois países desenvolveram suas próprias fórmulas e estão avançando com planos de implantação, mas o tamanho de sua população significa que os programas de imunização em massa se estenderão até o final de 2022, em linha com o cronograma esperado para a maioria dos países de renda média.

Por fim, alguns outros países de renda média e a maioria dos países de baixa renda contarão com a Covax, uma iniciativa liderada pela OMS que visa garantir 6 bilhões de doses de vacina para os países mais pobres.

Os primeiros 2 bilhões deles serão dados em 2021, principalmente para profissionais de saúde (as doses de Covax cobrirão apenas até 20% da população de cada país).

No entanto, os suprimentos de Covax podem demorar para chegar aos países pobres se houver demora na produção, uma vez que há a concorrência com países mais ricos.

Nesses países em desenvolvimento, a ampla cobertura vacinal não será alcançada antes de 2023, se é que acontecerá.



Breno Esaki/Agência Saúde

“O contraste entre os países ricos e os mais pobres é gritante. A maioria dos países em desenvolvimento não terá amplo acesso às vacinas antes de 2023, no mínimo. Alguns desses países - particularmente os mais pobres com um perfil demográfico jovem - podem perder a motivação para distribuir vacinas, especialmente se a doença tiver se espalhado amplamente ou se os custos associados forem muito altos”, diz Agathe Demarais, diretora global de previsões da Unidade de Inteligência do “Financial Times”.

Demarais acrescenta que “a diplomacia da vacina também será uma tendência importante a ficar de olho. Tanto a Rússia quanto a China buscarão adotar uma abordagem transacional para a entrega de vacinas, usando-as como moeda de troca para promover interesses de longa data. ”

Demarais acrescenta que “as vacinas contra muitas doenças, como a poliomielite ou a tuberculose, estão disponíveis há décadas. No entanto, muitas pessoas nos países mais pobres continuam incapazes de ter acesso a eles. O que foi denominado um “novo coronavírus” apenas um ano atrás permanecerá conosco por um longo prazo, ao lado de muitas outras doenças que moldaram a vida ao longo dos séculos. ”



Breno Esaki/Agência Saúde

**CONHEÇA O CANAL DO  
YOUTUBE DO MAIOR  
EVENTO DO ANO SOBRE O  
MUNDO DO TRABALHO**

**Clique e inscreva-se!**



**PORTALSINDIMAIS**

# SINDI MAIS



## CLIQUE E SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS



PORTALSINDIMAI



PORTALSINDIMAI

[www.PORTALSINDIMAI.COM.BR](http://www.PORTALSINDIMAI.COM.BR)

**Ficha Técnica:**

A SindiMais Talks é uma publicação referente ao evento SindiMais. Edição, Diagramação e Arte: Carlos Montoro [studiomontodesign@gmail.com](mailto:studiomontodesign@gmail.com); Corpo Redatorial: Efettiva Comunicação e Eventos; Períodicidade: Mensal

ORGANIZAÇÃO:

*Efettiva*  
Comunicação e Eventos